
A BUSCA DA QUALIDADE NO PROCESSO FORMATIVO

José Pires.
AFIRSE- Seção Brasileira

Introdução

Apraz-me iniciar este artigo confessando quanto me sinto lisonjeado em estender aos leitores desta Revista, e aos educadores em geral, minhas reflexões sobre a busca da qualidade no processo formativo. Elas têm-me acompanhado sempre que juntamente com os colegas dos cursos de Pedagogia e das Licenciaturas partilhamos as preocupações e perseguimos a meta de uma formação de qualidade. Como, também, em diferentes momentos tenho tido o privilégio de refletir com o corpo docente do Instituto Superior de Formação de Professores Presidente Kennedy sobre algumas das competências básicas do professor e sobre o perfil profissional necessário para o exercício do magistério, esta minha reflexão volta-se para o processo formativo do Instituto e as implicações desse processo na concretização do projeto pedagógico do aluno-professor.

Acho uma prova de ignorância, ou de desconhecimento de causa, ou de má fé, ou uma orquestração maquiavélica, personagens do meio educacional e militantes da formação docente virem a público vilipendiar o trabalho de agências formadoras como os Institutos de Formação de Professores, como se formação de qualidade fosse apanágio das Universidades Federais, ou dos Cursos de Pedagogia das Faculdades de Educação: a gente sabe que, ao longo dos anos, as crises relativas à formação docente que perseguiram as Faculdades de Educação e os Cursos de Pedagogia foram tantas ou mais graves quanto as que as antigas escolas normais ou os Institutos Superiores de Formação de Professores vêm enfrentando ao longo do tempo. Não sejamos hipócritas: não são todos os cursos de Pedagogia – nem tampouco todos os Institutos Superiores de Educação – que se preocupam com a qualidade do processo formativo. Afirmar que os Institutos não passam de *agências formadoras de quinta categoria*⁽¹⁾ é tão descabido quanto afirmar que todas as Universidades Federais oferecem, em nosso País, uma formação de qualidade, o que é uma mentira deslavada.

As críticas de alguns contra os recém criados Institutos Superiores de Formação de Professores chegam mesmo a ter laivos de preconceito, como insinua a Dra. Regina de Assis, ex-membro do Conselho Nacional de Educação e Presidente da Empresa MultiRio, quando no artigo que publicou na Revista ISTOÉ afirma, em termos pejorativos, que a lógica dos Institutos é *treinar ministradores de aulas, ou tarefeiros do ensino*⁽²⁾. Segundo essa autora o Governo, ao eleger prioritariamente como meio de formação de professores os Institutos, fez a opção errada. O que ele devia, na perspectiva dela, era melhorar os cursos universitários de Pedagogia.

Creio que opção mais certa seria melhorar todos dois. As avaliações do Ministério da Educação, através do Provão, vêm mostrando que infelizmente nem todas as Instituições Universitárias primam pela qualidade. Pelo contrário: muitos cursos Universitários de Pedagogia expressam uma formação pouco convergente para a qualidade.

Alguns indicadores de qualidade no processo formativo do IFESP

O Instituto Superior de Formação de Professores Pres. Kennedy foi criado em 1994 para ser uma referência de ensino de qualidade no processo formativo dos professores no Rio Grande do Norte. Até certo ponto, ele é uma resposta às limitações das Escolas Normais do Estado, tradicionalmente envolvidas em práticas rotineiras de formação, numa universalidade de conteúdos e de metodologias desgastadas e alheias a critérios de cientificidade, persistindo, nas modalidades de controle e avaliação, práticas autoritárias e discriminatórias. O estilo formativo, a rigor, não passava de uma reprodução de práticas previamente testadas pela experiência, ou tradição do próprio modelo formativo adotado e que, como é evidente, estava sempre associado ao conceito de "norma". Enfim, tratava-se de escolas incapazes de suprir qualitativamente as necessidades do Estado relativas à demanda de professores para o ensino fundamental. O Instituto trouxe novas e ousadas experiências formativas e implantou um padrão inovador de qualidade na formação dos professores no Rio Grande do Norte⁽³⁾. Quanto a isso, tenho muito orgulho, enquanto assessor pedagógico do IFESP, de ter ajudado a construir o projeto de criação do Instituto, de ter contribuído para a qualificação de seu corpo docente e de ter estimulado, junto aos formadores do Instituto, o enfrentamento dos desafios a que o processo formativo tem que fazer face. Assim, a evolução do processo formativo, no Instituto, aponta para o aprofundamento e a consistência epistemológica de conteúdos e de práticas. O corpo docente assume com responsabilidade as tarefas formativas, e ao invés de ser cativo dos modismos pedagógicos e de modelizações mecânicas, sabe dar importância a metodologias alternativas, associadas às vivências e às experiências pessoais, aos ritmos próprios de cada aluno-professor e aos significados dos contextos na condução do processo formativo. E, evidentemente, como desde muito tempo já havia sido evidenciado como uma necessidade, nas Instituições Universitárias Federais, desenvolvem *estudos e fazem pesquisa* voltados para a melhoria permanente das práticas formativas⁽⁴⁾.

Hoje, no Instituto, é desenvolvido um currículo e são vivenciadas práticas pedagógicas de formação que estão sendo preconizadas por países e centros educacionais avançados como estratégias de formação eficientes e inovadoras⁽⁵⁾. Mas, acima de tudo, a qualidade da ação educativa do Instituto, mais do que efeito de um quadro curricular considerado moderno e eficiente, é o resultado da qualidade das interações estabelecidas entre o aluno-professor e o professor-formador, interações, estas sim, que se caracterizam por uma reflexão crítica da teoria e uma prática reflexiva, que imprimem qualidade ao currículo e às práticas que são sua marca, ou seu selo de qualidade⁽⁶⁾.

- o É o caso da **alternância**, essa conjugação e harmonização feliz da teoria com a prática, que pretende evitar qualquer tipo de dissonância cognitiva no processo formativo, ao obedecer a um modelo bipolar, cujo centro de gravidade é a experiência desenvolvida pelo aluno-professor em sua sala de aula, completada, alternadamente, pela formação didático-pedagógica no Instituto.
- o É o caso das **práticas tutoriais**, através das quais um formador competente e experiente ajuda os formados, por meio de análise de situações concretas, no enfrentamento das problemáticas de seu processo formativo, nos aspectos epistemológico, pedagógico, didático, e no enfrentamento das dificuldades postas, no dia-a-dia, pelo exercício profissional. Por essa razão o tutor acompanha de perto a construção e o desenvolvimento do projeto pedagógico do formando, instrumentalizando-o na busca dos elementos essenciais à concretização dos objetivos propostos pelo aluno-professor.
- o É o caso dos **encontros de mediação**, essa interação rica e dinâmica entre tutores e formandos, ponto alto de reflexão e internalização das aprendizagens e que, efetivamente, serve de mediação para que o processo formativo dos jovens professores seja enriquecido pela contribuição dos mais diversos componentes didático-pedagógicos enriquecedores do projeto pessoal de formação. Pelo

confronto natural de realidades subjetivas e objetivas presentes no processo de mediação, este ora é estruturado a partir de uma *lógica do ser* (construção da identidade profissional), ora a partir de uma *lógica do saber* (profissionalização docente).

o É o caso, finalmente, dos *memoriais*, um recurso pedagogicamente superior, em seus efeitos, aos *Relatórios de Estágio* e às *Monografias de Conclusão de Curso*, e que sintetiza, em cada formando, as linhas mestras de seu projeto pedagógico e do seu processo formativo⁽⁷⁾.

Quer isto dizer, então, que no Instituto Superior de Formação de Professores Pres. Kennedy tudo está perfeito? Obviamente todos estão conscientes que têm pela frente muito trabalho qualitativo a realizar, para transformar o processo formativo numa garantia de sucesso, e isto aplica-se tanto à Instituição, em seus aspectos gerenciais e administrativos, quanto à ação dos professores e dos alunos. Por essa razão, o empenho pela implementação dos elementos indispensáveis a uma formação de qualidade torna-se, para todo o corpo docente, um desafio permanente.

Os elementos básicos da formação de qualidade

Hoje a educação de qualidade, ou a formação de qualidade, numa sociedade globalizada e tecnológica precisa de levar em conta, como sugere o Relatório Delors⁽⁸⁾, posteriormente sintetizado pelo físico Nicolescu⁽⁹⁾, pelo menos quatro aspectos fundamentais:

a) O primeiro poderia sintetizar-se na expressão "*aprender a conhecer*", que outros também chamam de *aprender a aprender*, que consiste na aprendizagem dos métodos que nos ajudam a aceder, de forma racional e inteligente, aos saberes profissionais de nossa época. Não se trata de ir atrás de toda e qualquer informação. As situações de formação requerem que na busca do saber se proceda de acordo com o espírito científico, centrado na reflexão, na análise, no questionamento, na recusa a toda resposta pré-fabricada e de toda certeza em contradição com os fatos. Não se trata de um aumento indiscriminado de informação. Um tal excesso, sem a devida reflexão e assimilação, pode até ser o oposto do espírito científico; não é a quantidade, mas a *qualidade* daquilo que é ensinado que dá acesso ao espírito científico. Aprender a conhecer significa ser capaz de construir passagens entre os diferentes saberes, entre os saberes e suas significações para a nossa vida, entre os saberes, suas significações e nossas capacidades interiores. Aprender a conhecer é buscar, de forma inteligente, os elementos essenciais e indispensáveis à concretização do nosso projeto formativo, utilizando, para isso, as diferentes mediações científicas, didáticas e pedagógicas ao nosso alcance.

b) O segundo elemento de um processo formativo de qualidade consiste em "*aprender a fazer*", ou em responder, de forma plena, às exigências da profissionalização, ao domínio dos conhecimentos e das técnicas que lhe são associados. É para isso que no Instituto é adotado um currículo constituído, essencialmente, de elementos de caráter pedagógico, susceptível de ajudar os formandos a aprenderem a ser professores.

Mas aprender a fazer, no caso do professor, é realizar a *aprendizagem da criatividade*. Se nós não queremos ser seres repetitivos, ou simplesmente imitativos, cada situação educativa é um desafio para a inovação. Fazer significa criar, fazer o novo, introduzir o novo, desenvolver suas potencialidades criativas. Reinventar-se a cada hora, numa ação pedagógica inovadora e motivadora. E estar consciente que, já que somos diferentes, também temos estilos de vida e estilos pedagógicos diferentes, sendo natural, portanto, que a realização de potencialidades criativas sejam diferentes de um ser em relação a outro, de um professor em relação a outro professor.

A rotina e o tédio que lhe é conseqüente, fonte de desgosto, de desinteresse, de conflito, de desordem e de

demissão moral, deve ser substituído pela *alegria da realização pessoal*. E nós, como professores, sabemos que ajudar a construir uma pessoa, significa assegurar-lhe as condições de realização maximal de suas potencialidades criadoras.

c) O terceiro elemento da formação de qualidade consiste em "*aprender a conviver*". O que isto pode significar para nós, professores? Significa manter respeito, amizade e cooperação em relação a todos na escola, no reconhecimento das igualdades, das diferenças e das especificidades próprias de cada ser único e singular, aprender a respeitar as normas que regem as relações e interações entre todos aqueles que integram a coletividade da escola: administradores, técnicos, colegas, alunos, famílias, funcionários. Normas que devem ser compreendidas e aceitas interiormente, por cada um, e não simplesmente "*toleradas*", "*sofridas*" ou tidas como *opressões exteriores*.

Viver junto, conviver, não pode ser um exercício de tolerância em suas diferenças de opinião, de cor da pele, de crenças, de valores; a alimentarmos contendas, brigas, rejeições, discriminações, aquilo que seria conviver se transforma no seu contrário, em luta de uns contra os outros.

d) Mas todos os elementos anteriormente analisados somente serão válidos e importantes em nosso processo formativo se eles nos permitirem concretizar um quarto elemento, que consiste em "*aprender a ser*".

Nós *existimos*, mas como vamos *aprender a ser*? Começemos por aquilo que *o existir* pode significar para nós: descobrir nossos condicionamentos, nossas potencialidades, nossas limitações, nossas possibilidades, descobrir a harmonia ou a desarmonia, a ordem ou a desordem entre nossa vida individual e a social, sondar os fundamentos ou os princípios de nossas convicções, para nos conhecermos melhor.

Aprender a ser é o repensar de cada um de seu estatuto de pessoa, com sua singularidade, suas especificidades, seus valores, suas crenças, suas expectativas, seus projetos, seus estados emocionais, enfim, sua história de vida. Aprender a ser é tomar consciência da posição ocupada por cada um diante dos contextos e das circunstâncias vivenciais sob as quais cada um constrói sua história, constrói sua pessoa, se constrói enquanto pessoa e enquanto profissional.

A construção do nosso ser exige questionamento permanente. Introspecção, o saber voltar-se para dentro de si mesmo. Aprender a ser é uma aprendizagem permanente, em que *o que ensina e o que é ensinado se ensinam mutuamente*. A construção de uma pessoa passa inevitavelmente por uma dimensão transpessoal. Isso é fundamental na situação formadora: aprender a ser é aprender a conhecer e a respeitar o que liga o Sujeito e o objeto: o outro é um objeto para mim se eu não concretizar esta aprendizagem que me ensina que **o Outro e Eu** construímos juntos **o Sujeito** ligado ao objeto. Professor e aluno – ambos Sujeito, buscam juntos um mesmo objeto comum: concretizar o processo formativo dentro dos mais exigentes padrões de qualidade.

É por essa razão que o processo formativo no Instituto procura dar o máximo de atenção à qualidade e à eficácia interna do ensino, utilizando mais adequadamente as tecnologias educativas, selecionando conteúdos e empregando métodos e estratégias de ensino cada vez mais afinados com as necessidades formativas dos alunos-professores e com as exigências da cidadania.

Como os alunos-professores são desafiados a levar as responsabilidades de uma boa formação para o cotidiano das escolas, uma ênfase especial é posta na *harmonização das aprendizagens com a vida*, com uma maior insistência na *auto-aprendizagem*, na *autonomia* e na *criatividade*, competências particularmente importantes para ensinar, dentro de padrões de qualidade, e para conviver na sociedade.

Vivência tem tudo a ver com *qualidade de vida*, mas para alcançá-la é preciso que o processo formativo esteja antenado com as realidades e com as expectativas do mundo que nos cerca, e o processo formativo não pode estar dissociado, em seus conteúdos, das grandes questões sociais, econômicas, políticas, comunitárias, do mundo atual, questões que no Instituto são analisadas em novas perspectivas, como a educação para a liberdade, a educação para a paz, a educação para a compreensão das situações, educação para a solidariedade.

E como cada vez mais a formação está compromissada com a mudança social, a ação educativa procura pautar-se pela necessidade de autonomia, de autenticidade, de participação, de justiça, pela necessidade de *valorizar as pessoas mais do que as coisas*, optar mais pela *qualidade* do que pela quantidade, preferir a *cooperação* à competição, valorizar mais a *polivalência* do que a especialização.

Isto leva os formadores, no Instituto, à luta por *uma escola mais humana*, mais cooperativa, mais respeitosa da criatividade e da realização individuais, para que todos se sintam felizes e essa felicidade os ajude a consolidá-la. Uma escola de abandono de atitudes autoritárias, evoluindo para uma atmosfera de aprendizagens compartilhadas, e de respeito mútuo entre educadores e educandos.

Desta forma, o processo formativo dos alunos-professores se reflete na realidade das escolas onde eles exercem o magistério. É nelas, nos contactos permanentes mantidos com as crianças e com as famílias, que eles exercem uma ação educativa transformadora e de integração com a vida comunitária. A grande maioria de nossas crianças das escolas da rede pública provêm de camadas populacionais marginalizadas e excluídas dos direitos de cidadania. Portanto a escola precisa estar aberta para o mundo que a cerca, particularmente a comunidade local, e favorecer, ao máximo, seu desenvolvimento cultural, oportunizar-lhes a conscientização de sua condição de cidadãos, de seus direitos diante do contexto político, social, comunitário, estimulando o pluralismo de pensamento e de idéias, a liberdade de expressão e o respeito à diversidade. Só assim a escola cumpre seu papel social: é *espaço* para aquisição do conhecimento e *locus* de socialização comunitária.

A missão do Instituto não é, apenas, transmitir, ou mediar o saber: os formadores precisam ajudar seus formandos a desenvolver as atitudes relativas a esse saber, estimular neles o espírito crítico, transmitir-lhes o respeito pela diversidade e pelas diferenças de pessoas, coisas e idéias, ensinar-lhes a valorizar as potencialidades originais de cada um. É um processo formativo que se identifica com o processo de conscientização. Conscientização da realidade, dos valores morais, estéticos, espirituais. E entre esses valores, ganham destaque o reconhecimento da *dignidade do homem*, a defesa do direito e da justiça, o sentimento de solidariedade, a busca incondicional da verdade, o anseio pela paz, o respeito das minorias, o amor pelo próximo, a harmonia do ser humano consigo mesmo, com o outro, com o ambiente, com a natureza, com o universo⁽¹⁰⁾.

A ação formadora pode ser tão dinâmica que o docente pode sentir-se um instrumento eficaz para concretizar a mudança. É uma questão de dar atenção aos contextos, em saber harmonizar as divergências, em estimular a autonomia, em desenvolver as atitudes de alteridade, sabendo respeitar e valorizar o outro, em fugir das estruturas rígidas e predeterminadas para a flexibilidade de alternativas e modos de pensar; em saber harmonizar a experiência interior aos contextos da aprendizagem; em encorajar, sempre, o pensamento divergente como parte do processo formativo; em saber olhar o tempo de formação como um processo dinâmico e continuado, onde é importante perder a dimensão do simples tempo escolar para ver a educação como um processo que dura a vida inteira; em saber fugir dos rótulos de que o professor é um *ministrador de aulas*, um *tarefeiro do ensino*, para concebê-lo e vivenciá-lo como alguém partilhando a experiência e aprendendo também com os outros.

São metas de um enorme alcance, sem dúvida, mas que se apresentam como um desafio para a concretização, no dia-a-dia, de um processo formativo de qualidade. A ação formadora exige, portanto,

doses bastante alentadas de confiança. A ação educativa é um poder transformador que está em nossas mãos. Nós, formadores, *precisamos acreditar neste poder*; e aqueles que são ou serão nossos formandos, também precisam acreditar em seu próprio valor enquanto pessoas:

- *no poder de prestar atenção* para perceberem a realidade à sua volta, o sentido das mudanças e dos acontecimentos, e para descobrir, também, as coisas que dão certo em seu processo formativo;
- *no poder do autoconhecimento*, para valorizarem o conceito de si mesmos e aumentarem a sua autoestima;
- *no poder da flexibilização*, que pode transformar cada indivíduo em parte da solução de seus problemas de formação;
- *no poder da comunicação* e da intercomunicação, comunhão de novas idéias e novas experiências com o outro;
- *no poder de saber buscar alternativas*, que torna o aluno-professor consciente das opções e das possibilidades de sua ação, em cada situação vivencial enfrentada.

Conclusão

Identificar um processo formativo de qualidade nem sempre é fácil. São tantos os aspectos que precisam ser levados em conta que só uma *abordagem multirreferencial*, como a preconizada por Ardoino⁽¹⁾, pode permitir o desenvolvimento de um processo aberto às diferentes leituras da realidade e à sua incorporação na formação. A meu ver, contudo, três eixos precisam particularmente ser examinados com bastante cuidado:

a) o informacional: não se trata, como anteriormente já referi, de uma transmissão de informação, mas na identificação da informação essencial à formação do professor, com base em textos oficiais, experiências e práticas de formação, definição de um conjunto de competências que permitam ao formando ter plena consciência de suas responsabilidades profissionais, tais como: bom conhecimento do processo de ensino, conhecimento dos projetos pedagógico da Instituição e dos alunos, conhecimento (cultural e profissional) do percurso pedagógico de formação dos alunos-professores, conhecimento dos programas, dos níveis das classes, e uma visão transdisciplinar do currículo de formação;

b) o pedagógico, voltado para o aperfeiçoamento permanente do exercício profissional, o que exige dos docentes participação sistemática em grupos de estudo, de reflexão e de análise da prática pedagógica de formação, atualização de conhecimentos, capacidade de compreensão das características psicológicas e sócio-culturais dos alunos, capacidade de lidar com diferentes alternativas de análise, de síntese, de avaliação, domínio dos diferentes métodos e práticas de aprendizagem, e capacidade de definir seu próprio método.

c) o eixo profissional, essencial, sem dúvida, para que os formandos adquiram o domínio do exercício de suas funções, através da aquisição das competências e atitudes profissionais, construtoras de sua identidade profissional.

Para arremate das considerações aqui apresentadas, que apontam uma trajetória de busca da qualidade no processo formativo do IFESP, uma última *idéia-chave* pode ser aqui acrescentada a aplicar-se aos corpos docente e discente do Instituto, mas que também pode ser útil a todos os educadores cuja missão é trabalhar na formação de professores: *acreditem, com confiança inabalável, em vocês mesmos e no*

poder da ação transformadora do magistério que vocês exercem. Vão em frente, orgulhos da missão que abraçaram, que é a formação de professores para responderem pela educação das nossas crianças e nossos jovens; que cada um de vocês mantenha sempre a confiança em si mesmo e a confiança no futuro. E confiar é acreditar, de forma inabalável, na própria capacidade de mudança. Confiar no futuro é acreditar na própria capacidade de ação para operar as mudanças pessoais e sociais necessárias.

Neste sentido vocês, educadores, são os construtores ativos da sociedade, os construtores ativos do amanhã, através da prática participativa e dialógica do magistério. Se o futuro a Deus pertence, o futuro também está nas mãos daqueles e daquelas que podem oferecer às novas gerações de educandos razões válidas de vida e de esperança.

Notas e Referências.

- (1) – Pronunciamento oral da conferencista Dra. Helena Costa Lopes de Freitas, em Mesa Redonda sobre *Heterogeneidade e Formação de Professores*, no X Colóquio Internacional da AFIRSE/ I Colóquio Nacional da AFIRSE- Seção Brasileira, realizado em Natal, RN, entre 11 e 14 de setembro de 2001.
- (2) Cf. Revista ISTOÉ, de 9 de janeiro/2002, Nº 1684, pág. 31: “*A Essência do Aprendizado*”.
- (3) Cf. IFESP. *Proposta Pedagógica para o Curso Normal Superior*. Natal, IFESP, 2000 (mimeo).
- (4) Desde sua criação, o IFESP deu importância à pesquisa. Além de ter constituído grupos institucionais de pesquisa pedagógica, vem transformando a própria prática formativa dos alunos-professores numa iniciação à pesquisa. Entre esses grupos podemos fazer referência aqui ao *Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Análise das Práticas de Formação*.
- (5) Entre essas práticas duas, particularmente, foram pesquisadas pela Dra. Elena Mabel Brutton Baldi; *A Tutoria* (BALDI, Elena Mabel Brutton. “*A Tutoria como Estratégia Educativa na Formação do Professor*”. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRN. Natal, 1996), e *a Dinâmica de Mediação* (BALDI, Elena Mabel Brutton. “*A Tutoria segundo o corpo discente e a dinâmica da mediação adotada no Instituto de Formação de Professores Presidente Kennedy*”. Tese Doutoral. Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRN., Natal, 2000).
- (6) Para conhecimento mais aprofundado da natureza e da qualidade destas interações, Cf. MELO, Maria José Medeiros Dantas de. “*História de Vida: pontos altos da prática, aspirações, circunstâncias históricas e contextuais de minha marcha como formadora*”. Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Análise das Práticas de Formação. IFESP., Natal, 2002.
- (7) Para uma informação especializada do *Memorial como estratégia formativa*, Cf. CARRILHO, Maria de Fátima Pinheiro. *Estratégias de apoio do Tutor na elaboração do Memorial de Formação*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRN, Natal, 2002.
- (8) DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 4 ed. São Paulo/Brasília, Cortez/ UNESCO, 2000.
- (9) NICOLESCU, Basarab. *Vers une éducation transdisciplinaire*. Conferência de Abertura do IX Colóquio Internacional da AFIRSE, na cidade de Rennes, França, ocorrido nos dias 1, 2 e 3 de junho de 2000.

(10) Entre os estudos realizados relativos ao perfil do professor formador nos Institutos Superiores de Formação de Professores podemos citar o trabalho de BALDI, Elene Brutton e PIRES, José. *Reflexões sobre o perfil do professor*, apresentado no XV Encontro de Pesquisa Educacional Norte e Nordeste – EPENN 2001. São Luís, Maranhão, 19 a 22 de junho de 2001.

(11) ARDOINO, Jacques. *Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas*. In: *Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação*. Coord. de Joaquim Gonçalves Barbosa, São Carlos, Editora UFScar, 1998.

As idéias da multirreferencialidade foram explicitadas por ARDOINO, pela primeira vez, como uma teoria epistemológica, em sua obra: *“Education et Relations – Introduction à une lecture plurielle des situations éducatives*. Gauthiers-Villars – UNESCO, Paris, 1980.